

## Ombrear com Herculano

SILVA, Agostinho da. Ombrear com Herculano.

*JL - Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, ano II,  
n.º 57, 26 abr. 1983, p. 12.

Creio que nenhum dos grandes vultos da história da cultura portuguesa poderia ombrear com Herculano tanto quanto Sérgio. Ligam-nos a exigência do documento, a prioridade do pensar lógico (se é que há outro), a vocação pedagógica, a integridade do comportamento, a incansável intervenção cívica, a dedicação a um projeto de Portugal, a insistência numa reflexão de conjunto, e, na expressão, a virilidade de estilo, ainda mais vincada no de Vale de Lobos. Excede-o Sérgio na concepção filosófica, que vai além do kantismo, e, ao que me parece, pela breve referência que me fez a um seu “misticismo da razão”, mais o veria no caminho que abre a geometria analítica quando entendida por Espinosa – o que tudo se liga porventura a ser a linha matemática de Herculano (apesar ou por causa da Aula de Comércio – mas há a frequência do Oratório) bem têmue em comparação com a de Sérgio – e, sem matemática, bem curta será qualquer filosofia. Fica Sérgio abaixo do mestre na competência, decisão e serenidade com que o outro afrontou o quotidiano pragmático e o pragmático a largo prazo.

Diria agora que falharam os dois em ficarem demasiadamente ocupados com o Portugal que, como que adivinhando os conselhos do Velho do Restelo, interno se desenvolve e assegura até o fim do reinado de Dom Dinis; não entenderam a expansão como certa para aquela condição do português que só fora do país inteiramente se revela, a de missionário e capataz e lutador, de que tanto gostaria São Bernardo, se é que a não previu. Dizia, a propósito, Manuel Bandeira que “todo o brasileiro é um português à solta” (o que põe o problema de saber que coisa ou coisas prendem o português em Portugal); acrescentaria eu, em imagem que me ficou de meu gostoso trabalho entomológico no Oswaldo Cruz do Rio, que o português em Portugal é larva apenas daquele que só no exterior rufia suas asas a um sol de vitória; e mal tem ido a tantos que o tentaram no interior mesmo; aí vem, para o atestar, o próprio Herculano e o próprio Sérgio, ou, ainda um seu mestre, Antero; e tantos outros dos “suicidas” de Unamuno: ou dos «suicidados», como melhor teria dito o salmantino.

Mas este defeito de, ao que creio, não ter Sérgio entendido a expansão não é o que importa para o Portugal do nosso tempo ou do seguinte

futuro: o avanço e afirmação da língua por todo o espaço a que ela outrora não chegou, está agora, ao que penso, a cargo dos outros países de expressão portuguesa, talvez com centro no Brasil; ao da Península vai caber, fundamentalmente, o desenvolvimento interno – nunca mais o império sobre a miséria de um povo e a escravatura de tantos outros –, e desenvolvimento interno sobre a base política do municipalismo; não que a base vital de uma economia justa<sup>1</sup> (enquanto a eletrônica e a informática nos não trazem a verdadeiramente humana, já sonhada por portugueses do século XIV e do século XV); sobre a base social da igualdade de oportunidades para todos, o que pressupõe economia de cooperação – talvez mais certa se for pelas linhas da que se esboçou em Vilarinho das Furnas ou Rio de Onor do que pelas que pensou Sérgio, as de Rochedale e Charles Gide; sobre a base de liberdade do pensamento político e metafísico, normal ou anormal que nos apareça.

Vai caber-lhe, mais, a participação, e talvez o papel mais importante, na reorganização da Península, em linhas que eliminem para sempre Carlos V e Filipe II, dando final triunfo aos “comuneros” e “irmandades” do século XVI. E lhe caberá ainda, com o restante da Ibéria, como se fez atrás pela álgebra, o aristotelismo e os descobrimentos, o renovar da carcomida Europa e, afinal, de todo esse hemisfério norte que tantos vêem ainda como ideal a atingir, quando é, apenas, um obstáculo a ultrapassar.

Talvez não interesse muito saber se António Sérgio está hoje vivo e atuante, como não interessa sabê-lo a propósito de Herculano ou de Antero: o que tem primazia é o saber-se que a História os não desprezará, porquanto trabalha ela com místicos alvos de futuro, mas racionais, matemáticos passos, atenção ao enlace das circunstâncias, e altruísmo que é falso se não se apóia em fundamental pureza interna; ela os vai sagrar profetas e heróis, e quaisquer que tivessem sido suas fraquezas humanas, embora tantos dos nossos contemporâneos, que parecem fortes, poderosos e eternos (e alguma missão estarão cumprindo), se mostrem menos interessados em realizar os que chamam Mestres do que em imprimir-lhes os retratos em notas de banco. O Portugal que Sérgio sonhou dará certo, e ainda mais amplo será, embora por caminhos que se afiguram errados ou diferentes dos que ele próprio tomaria; ao contrário de outros países em que tudo dará errado pelos caminhos que se aplaudem como certos.

## Notas

1 Devido a possível erro de editoração, quando da publicação deste artigo no *JL*, sugerimos ao leitor que, no lugar de “não que a base vital de uma economia justa”, leia: “sobre a base vital de uma economia justa”. [N.O.]